



Quando a análise da disputa cede ao otimismo metodológico: crítica a um estudo sobre o imaginário político das mulheres brasileiras

Daniel Menezes¹

When the analysis of dispute gives in to the methodological optimism: criticism of a study about the political imaginary of Brazilian women

Quando el análisis de la disputa cede al optimismo metodológico: crítica a un estudio sobre el imaginario de las mujeres brasileñas

Resenha do livro: COSTA, Beatriz Della; ROCHA, Camila e SOLANO, Esther. *Feminismo em disputa: um estudo sobre o imaginário político das mulheres brasileiras*. São Paulo, Boitempo, 2022.

Na obra desenvolvida com base em uma bateria de pesquisas qualitativas e quantitativas, sendo esta última realizada pelo instituto Big Data, as pesquisadoras e organizadoras do livro em pauta Beatriz Della Costa, Camila Rocha e Esther Solano procuram descrever e analisar o modo como o feminismo, em algumas de suas manifestações, ganhou uma abrangência que vai além das diferenças de classes sociais e, sobretudo, das manifestações ideológicas. A ideia de empoderamento feminino e a defesa de políticas públicas que promovam

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Rio Grande do Norte – Brasil – dmopotiguar@hotmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-4575-2666>

a maior igualdade entre homens e mulheres atravessam os discursos de todas as entrevistadas, quer seja entre as que apresentam perfil mais progressista ou conservador. A diferença marcante das conservadoras em relação às demais está na maneira como estas especificamente irão perceber o papel delas na família e na harmonia do lar.

O livro é um grande demarcador empírico que aponta para a complexidade com que a agenda feminista, ainda que a nomenclatura desagrade as mulheres de perfil mais conservador por considerar o termo excessivamente intelectualizado, incompreensivo e/ou voltado para o esvaziamento da importância da instituição familiar, passou por diferentes apropriações no Brasil, ingressando nas preocupações cotidianas das mulheres brasileiras, não importa qual seja a sua posição ideológica. Trata-se de um ganho de relevo para a compreensão da questão distante de consagradas simplificações, que retiram a capacidade reflexiva de parte das mulheres e aponta para os desafios de movimentos sociais relacionados ao tema no sentido de instrumentalizar positivamente o diálogo em favor de um público mais amplo.

A incompletude das pesquisas, talvez por apostar excessivamente num viés descritivo, está ancorada na ausência de indagação no momento em que as mulheres apresentam clara contradição entre suas afirmações quando, por exemplo, as entrevistadas alegam que são favoráveis a mais mulheres na política, mas tal preceito não significa, conforme a própria narrativa capturada, o voto delas em candidatas. O leitor fica sem saber se há alguma explicação para o aparente antagonismo ou se as entrevistadas, em suas capacidades reflexivas, ao saberem que estão diante de pesquisadoras sobre um tema que requer delas respostas politicamente corretas em torno da defesa do protagonismo da mulher na sociedade, não falam aquilo que as entrevistadoras querem ouvir. Este é o ponto cego do texto.

Na introdução, Beatriz Della Costa apresenta a proposta do texto e o modo como ela foi encaminhada. Já de partida, é possível constatar que há um “feminismo” que está em disputa, conforme o título do livro aponta, no qual as mulheres se situam em dois extremos. Enquanto 29% das mulheres se dizem feministas, 34% não se assumem assim. Trata-se de um cenário no qual a divergência é, ao menos por alguns aspectos, aparente. Ainda que a agenda feminista se encontre sob fogo cruzado, com apoio do próprio governo federal, 92% das entrevistadas são a favor do combate à violência de gênero e 83% da equiparação salarial, conforme pesquisa quantitativa encomendada pelo Instituto Update aos cientistas sociais Natália Tose e Maurício Moura, associados ao instituto Big Data.

A primeira questão diante de tal cenário é: por qual razão, então, em que pese o apoio massivo a alguns pontos importantes da agenda feminista, há uma rejeição do movimento que leva este nome? Para enfrentar a indagação, Costa (2022) dissecou sua experiência no final dos anos 1990, entrevistando mulheres por toda a América Latina, o que redundou numa série de sucesso no YouTube, intitulada *Eleitas*. De tal experiência, veio uma segunda questão – como as mulheres que se definem como conservadoras enxergam as conquistas do movimento feminista na América Latina. Para responder a esta segunda pergunta, foi encomendada um levantamento qualitativo exploratório, “conservadorismo, gênero e feminismo”, também encomendado ao instituto Big Data, com análise das organizadoras Esther Solano e Camila Rocha. A série *Eleitas* foi exibida a um público selecionado de mulheres que tinham como referência a ministra Damares Alves e a primeira dama Michelle Bolsonaro, ambas ligadas a um presidente reconhecido por falas misóginas.

O resultado, segundo Costa (2022), foi desconcertante. As mulheres também se consideravam feministas quando se tratava de igualdade salarial e divisão do trabalho doméstico, mas não ativistas no sentido de saírem às ruas e mostrarem os peitos. A descoberta gera uma necessidade de encontrar um sentido comum sobre a agenda pró-mulher, o que se desdobra no sentido fundamental do texto, que é o de compreender como as ideias feministas foram e continuam a ser significadas e como desfazer possíveis confusões sobre o que é feminismo entre aqueles 65% em disputa? Para tanto, foi encomendada uma segunda pesquisa qualitativa mais ampla, sendo esta diretamente realizada por Camila Rocha e Esther Solano.

Falar de feminismo, diz Costa (2022), implica enfrentar estereótipos – conforme 36% das mulheres entrevistadas pelo instituto Big Data, feministas são pessoas radicais. Para essas entrevistadas, o problema não é o feminismo, mas as feministas. O desafio é trabalhar e desfazer um imaginário distorcido em que feministas são descritas de forma misógina como agressivas, raivosas e desrespeitosas, imaginário este formado pela exploração de conservadores de imagens de movimentos como Marcha das Vadias e outras manifestações, em que pese tais imagens não contarem com apoio expresso do movimento. Outro aspecto é cessar o perfeccionismo da linguagem, que afasta a mulher comum, uma vez que esta não é “iniciada” no aparente clube fechado de conceitos acadêmicos e códigos específicos. O que não se pode perder de vista é que as mulheres são diversas.

A pesquisa, enfatiza Costa (2022), é a possibilidade de enxergar novos caminhos e de perceber, por exemplo, que a maioria das entrevistadas concebe

positivamente uma maior participação da mulher na política. A busca por um maior pragmatismo traz resultados concretos, como na constituinte de 1988. Naquele momento, um grupo de mulheres se uniu em torno de pautas comuns e alcançou conquistas como direito ao divórcio e licença-maternidade. Reconhecer as diferenças é o primeiro passo para a construção de convergências. Costa (2002) aposta no diálogo e no debate, com base no pressuposto de que o feminismo não é um partido no qual só se filia se estiver 100% de acordo com toda a agenda.

A maior parte da obra foi destinada à análise dos dados qualitativos coletados por Rocha e Solano (2002). Com o intuito de direcionar suas investigações, as pesquisadoras perguntam: mulheres conservadoras se consideram feministas? O que significa feminismo para eleitores de Bolsonaro? E para as indecisas no que tange ao pleito eleitoral de 2022? Com o apoio do Instituto Up Date, pequenos grupos foram abordados com temas gerais, como o machismo, maternidade, gênero, aborto, política. Inicialmente, foi feita uma pesquisa exploratória com seis mulheres no segundo semestre de 2020 do sudeste e do nordeste que se consideravam conservadoras. Um ano e meio depois, as pesquisadoras entrevistaram 39 mulheres que votaram em Bolsonaro e se decepcionaram e seis jovens entre 16 e 18 anos sem voto definido para a presidência. Todas as mulheres se sentiam empoderadas e condenavam o machismo. Isto é, alcançadas por um certo espírito do tempo feminista.

A tese central da argumentação que, no decorrer da pesquisa, passa por diversos temas, é assim resumida pelas autoras:

O que distingue as mulheres que se identificam como conservadoras das demais é a importância que as primeiras conferem ao papel desempenhado pela mulher na família e na harmonia do lar; porém todas ressaltam a relevância de políticas públicas que permitam que as mulheres conciliem o trabalho fora de casa e o cuidado com a família (Rocha e Solano, 2022: 31).

Com base na apresentação da tese geral, Rocha e Solano (2022) descem ao nível dos temas mais específicos para entender as diferenças e aproximações entre os públicos pesquisados. As entrevistadas têm como referência mulheres influenciadoras, bastante conhecidas nas redes sociais, além de empresárias que souberam monetizar os seus trabalhos, como Boca Rosa, Juliette, Taís Araújo e Iza. A cantora Anitta é vista de forma controversa entre as conservadoras porque faria uma super exploração do corpo. As mulheres jovens não enxergam problema na perspectiva. Pelo contrário, a adjetivação é em prol do comportamento pela prática da liberdade. Todas elas citaram também heroínas comuns,

isto é, a figura da mulher de origem pobre que batalhou, seguiu carreira e venceu barreiras.

Todas demonstram raiva contra o machismo e a violência contra a mulher. Conhecedoras da Lei Maria da Penha, o feminicídio, segundo as entrevistadas, deve ser superado com mais oportunidades para as mulheres conquistarem sua independência e disseminação de valores de respeito a elas. As mulheres de perfil mais conservador defendem penas mais duras para agressores. Embora afirmem fazer as tarefas domésticas com amor, elas veem no espaço doméstico um local potencialmente violento e em que há uma distribuição desigual das atividades cotidianas.

O trabalho, percebem elas, não atrapalha a família e a maternidade é algo opcional. Só que todas concordam que, uma vez iniciada, é algo sagrado, embora elas compreendam que há um machismo embutido na responsabilização exclusiva da mulher pelo cuidado da família e dos filhos. As mais jovens, mostram Rocha e Solano (2022), enfatizam a necessidade de atingir estabilidade financeira, para apenas depois serem mães.

Já quando o assunto é especificamente a respeito do feminismo, há sempre a preocupação de demarcar distância de um imaginado radicalismo militante, sem gerar uma contraposição à percepção de que a luta por direitos das mulheres é um dado importante. As táticas de choque de movimentos sociais feministas do passado geraram um estereótipo da “feminista radical”. Excetuando as entrevistadas mais jovens, as mulheres falam a respeito das táticas de choque como sinônimo da degradação da mulher e objetificação do corpo feminino.

A religiosidade também não entraria em contradição com o feminismo. As entrevistadas por Rocha e Solano (2022) enfatizam que as “feministas de esquerda” é que são intolerantes com mulheres conservadoras por priorizarem o lar e por serem religiosas. Para essas conservadoras entrevistadas, o feminismo é compatível com o bolsonarismo. Apesar de falastrão e polêmico, o presidente Jair Bolsonaro seria autêntico, honrado e respeitador da esposa Michele Bolsonaro e, portanto, preocupado em cuidar das mulheres.

As entrevistadas aceitam e concordam que há uma sobreposição de opressões com base no racismo, na LGBTfobia e na desigualdade social. Elas empregam a palavra “preconceito” ao invés de racismo ou homofobia para o enquadramento de tais opressões. A LGBTfobia é condenada pelas entrevistadas por meio da ideia de não violência, amor e acolhimento. A máxima vale para aquelas que consideram que a homossexualidade é pecado. No entanto, entre as mulheres que se afirmam conservadoras, é preciso combater o que chamam de “ideologia de gênero” nas escolas e junto a crianças. Ainda assim, não recusam a ideia do

nome social e da linguagem neutra; só alegam que é preciso paciência para ensinar. É frequente entre as falas das entrevistadas a ideia de que os movimentos sociais, inclusive o feminista, estão cortados por academicismos e usos de linguagens e conceitos incompreensíveis aos olhos da cidadã não iniciada e/ou não universitária. A terminologia complicada é significada como uma das barreiras que afasta as mulheres do feminismo.

O aborto é o tema que mais divide opiniões, mostram Rocha e Solano (2022). Entre as que defendem a legislação atual, há a preocupação de que, se liberar, todo mundo vai querer abortar, apelando para uma certa banalização da prática. Duas mulheres entrevistadas chegam a defender inclusive a proibição integral. Porém, outras falaram que o aborto já ocorre de forma silenciosa no país e questionaram a respeito das condições e que a legalização traria tratamento mais salubre. Um ponto lembrado é que as mulheres são as únicas a arcar com a gravidez indesejada. Por fim, as que defendem o aborto alegam que ocorreria um acompanhamento psicológico, impediria a existência de crianças indesejadas e que é papel das mulheres decidir a respeito do próprio corpo, contrariando uma lógica machista.

Para as entrevistadas, a política é um espaço patriarcal em que há machismo e falta de apoio à participação institucional da mulher. Apesar de defenderem o ingresso da mulher na política, as entrevistadas alegam que as propostas são mais importantes do que o gênero no momento da escolha e que há forte desconhecimento sobre mulheres candidatas. As únicas mulheres citadas como políticas foram a vereadora do Rio de Janeiro assassinada Marielle Franco e a ex-presidente Dilma Rousseff. As duas representariam exemplos de coragem, mas Dilma divide opiniões sobre o fato de que o desempenho de seu governo foi bastante questionado. Há consenso, entretanto, sobre o quanto é difícil para a mulher atuar no ambiente masculino da política.

No feminismo em disputa, conservadora ou não, cada uma ao seu modo, diz que irá votar em mulheres. Rocha e Solano (2022) enxergam a inclinação como mais um elemento de esperança.

No último capítulo, Maurício Moura e Natália Tosi apresentam os resultados de três levantamentos coordenados pelo Instituto Ideia nos meses de novembro (2021), janeiro e março (2022), via telefone, com amostra nacional representativa da população brasileira acima de dezoito anos. Foram coletadas entre 1.252 e 1.277 entrevistas.

Nos levantamentos quantitativos, é possível encontrar temas de maior consenso e outros mais controversos, assim como nas abordagens qualitativas. Há uma complementação analítica entre as duas fases da obra. Por exemplo, para

71% dos respondentes é preciso ter mais mulheres na política, inclusive para ser menos corrupta, 84% defendem o pagamento do mesmo salário para homem e mulher e 70% dos pesquisados aprovam que as mulheres recebam auxílio para cuidar dos filhos.

Moura e Tosi (2022) demonstram que 37% da amostra pesquisada encara as feministas como radicais, o que gera uma ideia de feminismo como nicho, corrente já constatada por Rocha e Solano (2022). Somente um em cada dez homens se afirma como feminista. Entre os homens, 45% concordam que as mulheres devem ter metade das vagas nas eleições. Entre as mulheres, este dado chega a cerca de 2/3. Já na igualdade salarial, homens (80%) e mulheres (88%) concordam que deve existir igualdades salariais. A convergência é ainda maior sobre a necessidade de combater a violência contra a mulher, atingindo 90%.

Os levantamentos quantitativos fortalecem a ideia de que o que racha a sociedade brasileira é o tema do aborto – 34,7% concordam que a escolha sobre abortar deveria ser um direito garantido, enquanto 31,7% discordam. O ponto de maior consenso foi a respeito da existência do racismo – 98,5% acreditam que há racismo na sociedade brasileira, mas somente 14,7% se consideram racistas. Isso seria uma dissonância cognitiva, base do racismo estrutural brasileiro, afirmam Moura e Tosi (2022).

No campo das esperanças, apontam Moura e Tosi (2022), 70% afirmam que votariam numa mulher negra. O exemplo mais citado é o da ex-primeira dama dos EUA Michelle Obama. Advogada por Havard, Michelle Obama é um fenômeno de popularidade, com 86% das respostas positivas entre as mulheres. Em seguida, bem depois, vem a cantora Anitta, com 34% de “sim” entre o público feminino. Essa admiração sobe para 54% entre o público jovem até 24 anos (54%), mas 75% dos evangélicos alegam que ela não é “modelo de mulher”. Entre os homens, a empresária Luiza Trajano, fundadora do Magazine Luiza, é citada por 40% dos respondentes; 27,5% dos homens citam positivamente Michelle Bolsonaro e Damares. Essas são referências distintas que expressam as inclinações ideológicas diversas da sociedade brasileira.

Moura e Tosi (2022) concluem, com base na análise das percepções capturadas, que há consensos a serem levados em conta – maior participação da mulher na política, igualdade salarial e combate à violência, tendo outros temas que necessitam de maior debate reflexivo distante das narrativas e da demagogia.

Os autores dos capítulos não enfrentam as contradições discursivas estabelecidas pelos(as) entrevistados(as). Tanto é assim que a abordagem qualitativa desenvolvida por Rocha e Solano (2022) não aprofunda, no sentido

de encontrar mais especificidades – possibilidade que está menos dada à abordagem quantitativa –, em relação ao que é estabelecido como tendência quantitativa das correntes de opinião capturadas. As duas pesquisas acabam servindo de espelho uma para outra, ao invés de a quantitativa encontrar e demarcar os grupos/ posições/ ideias e o levantamento qualitativo descer ao nível da especificidade, estratégia sugerida por exemplo Serapioni (2000) Minayo e Sanches (1993).

As entrevistadas no momento da abordagem qualitativa confirmaram um ponto de consenso do levantamento quantitativo demonstrado por Moura e Tosi (2022) em prol de uma maior participação das mulheres na política. No entanto, em que pese o ponto passar a ser tratado como uma grande tendência feminista, não há qualquer indicação que isto signifique uma preocupação objetiva das eleitoras no sentido de converter tal perspectiva em voto. As entrevistadas, inclusive, demonstram desconhecimento a respeito de candidatas mulheres. O leitor não fica seguro de que as entrevistadoras conseguiram ultrapassar a superfície discursiva do politicamente correto elaborado por pesquisadas reflexivas conscientes do que se “espera” delas. Trata-se de uma limitação da obra.

Outro aspecto também é digno de nota. Almeida (2002) demonstrou que, a depender da posição da pergunta, respondentes de duas sondagens quantitativas aplicadas no Rio de Janeiro afirmaram em maior quantidade que já votaram em Benedita da Silva, uma política negra bastante conhecida do citado estado. Quando é que as citações aumentaram? Quando a questão era precedida por perguntas a respeito do racismo na política. No levantamento em que o contexto formado para o respondente era de uma investigação a respeito do racismo, o interlocutor da pesquisa, em sua capacidade reflexiva, posicionava-se para não passar a impressão de que era racista e não para expor seu comportamento real. No levantamento em que este contexto não estava posto, as citações diminuíram. Ao se debruçar sobre as pesquisas balizadoras do texto “feminismo em disputa”, o leitor fica sem saber se as entrevistadas não teriam identificado o contexto dos levantamentos e não estariam desempenhando ali um papel formador de uma barreira para as suas opiniões verdadeiramente concretas.

Deste ponto é que nasce o fato de Lahire (2008) defender o aprofundamento das entrevistas com a perspectiva de ultrapassar o politicamente correto e as performances dos entrevistados diante dos pesquisadores, com base na tentativa de pegar o respondente no contragolpe e o situar diante de possíveis contradições. Por exemplo, em um dado momento das entrevistas, Rocha e Solano

(2022) perdem a oportunidade de perguntar sobre o entendimento das mulheres conservadoras que condenam a LGBTfobia – chamada de preconceito – com base na ideia de não violência, amor e acolhimento, e, ao mesmo tempo, demonstram preocupação com o que chamam de “ideologia de gênero” entre as crianças. O leitor fica mais uma vez sem saber se elas não percebem uma possível contradição entre defender o amor e, ao mesmo tempo, manifestar preocupação com um aspecto ideológico largamente utilizado pela extrema direita no Brasil como pano de fundo para não promover políticas em prol do respeito à diversidade nas escolas.

Os questionamentos metodológicos não retiram o mérito da obra e o pioneirismo dos levantamentos analisados, pois a captura equilibrada de convergências e desafios a respeito de uma agenda tão importante como a feminista, entre grupos até então tratados como antagônicos, representa condição fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e com diálogo mais abrangente e equilibrado no Brasil.

Referências

- ALMEIDA, Alberto Carlos. O efeito do contexto e posição da pergunta no questionário sobre o resultado da medição. *Opinião Pública*. [On-line], v. 8, n. 2, 2002.
- ROCHA, Camila e SOLANO, Esther. Feminismo em disputa. In: COSTA, Beatriz Della; ROCHA, Camila; SOLANO, Esther (Org). *Feminismo em disputa: um estudo sobre o imaginário político das mulheres brasileiras*. São Paulo, Boitempo, 2022.
- COSTA, Beatriz Della. Introdução – Mulheres em diálogo. In: COSTA, Beatriz Della; ROCHA, Camila; SOLANO, Esther (Org). *Feminismo em disputa: um estudo sobre o imaginário político das mulheres brasileiras*. São Paulo, Boitempo, 2022.
- COSTA, Beatriz Della; ROCHA, Camila e SOLANO, Esther (Org). *Feminismo em disputa: um estudo sobre o imaginário político das mulheres brasileiras*. São Paulo, Boitempo, 2022.
- LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. São Paulo, Artmed, 2008.
- MINAYO, Maria Cecilia de S. e SANCHES, Odécio. Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity? *Cad. Saúde Públ.* Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, jul./set. 1993, pp. 239-262.
- MOURA; Maurício e TOSI, Natália. Oportunidades na busca por maior equidade política de gênero na opinião pública brasileira. In: COSTA, Beatriz Della; ROCHA, Camila e SOLANO, Esther (Org). *Feminismo em disputa: um estudo sobre o imaginário político das mulheres brasileiras*. São Paulo, Boitempo, 2022.

SERAPIONI, Mauro. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência & Saúde Coletiva*. [On-line], v. 5, n. 1, 2000.

Recebido em: 19/11/2022

Aprovado em: 06/02/2023

Como citar esta resenha:

MENEZES, Daniel. Quando a análise da disputa cede ao otimismo metodológico: crítica a um estudo sobre o imaginário político das mulheres brasileiras. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 13, n. 1, jan. - abril. 2023, pp. 319-328.